

NOGUEIRA DA SILVA COELHO J — PEDROZO

Theatro de D. Maria II

PAÇOS DOS ESTÃOS, PAÇOS DA INQUISIÇÃO, PALACIO DA REGENCIA E DO THESOURO, THEATRO DE D. MARIA II

Desde o fundador da monarchia até ao cardeal rei D. Henrique não tinham os nossos soberanos residencia fixa. N'esse longo periodo de perto de cinco seculos serviram de assento á corte muitas terras do reino.

Não obstante ter fundado D. Affonso III em Lisboa os seus paços de S. Bartholomeu, junto ao castello, e seu filho D. Diniz ter edificado os das Alcaçovas, dentro da dita fortaleza, e os reis seus successores terem construido na mesma cidade outros palacios reaes [1], todos esses monarchas mudavam amiudadamente não só de casa mas tambem de terra. Lisboa, Coimbra, Santarem, Evora, Leiria, Estremoz, Torres-Vedras, Setubal, Almeirim, e ainda outras cidades e villas, gozavam alternadamente no mesmo reinado das honras de corte. Custavam-lhes porém bem caras taes honras.

O primeiro e mais pesado encargo, que lhes provinha d'essas mudanças, era o das aposentadorias.

Quando el-rei determinava saír de uma terra para outra, partia o aposentador-mór um dia antes para designar as casas em que haviam de pousar a familia real e a corte. Ainda que el-rei ahi tivesse palacio proprio, sempre se faziam as aposentadorias para o numerosissimo sequito de fidalgos e criados, de todas as graduações, que acompanhavam o soberano.

Este encargo era de vez em quando augmentado pela chegada de algum embaixador estrangeiro, e constantemente aggravado por outro onus, egualmente vexatorio, a carestia dos generos alimenticios.

Em razão da falta absoluta de communicações faceis, além dos mais tropeços que obstavam ao desenvolvimento do commercio interno, a presença da corte, sobre tudo em povoação pequena, equivalia á passagem de um exercito, que absorvia em um momento quanto aquella terra tinha dentro em si e nos arredores para a subsistencia de um anno.

Por conseguinte não só a carestia era em taes casos muitas vezes excessiva, mas até succedia chegar a faltar algum genero de primeira necessidade.

Soffria o povo aquelles dois vexames de tão mau grado, que era raro juntarem-se em cortes os tres estados do reino, sem que os procuradores de alguma cidade ou villa apresentassem queixas a esse respeito. Tão justificadas eram, e tanto cresceram, que de uma vez desabafaram-se em um requerimento, pedindo a el-rei houvesse de diminuir o numero dos seus criados. [1]

[1] Vid. pag. 167 do IV vol.

[1] As cortes reunidas em Lisboa no principio do anno de 1498 requereram a el-rei D. Manuel, entre outras coisas, *«que nao trouxesse tantos officiaes e moradores, e os quizesse reduzir a menos conto.*

O monarcha satisfez a varios pedidos, que os tres estados então lhe fizeram, porém áquelle deu a seguinte resposta: *«Os mais dos nossos moradores foram criados del-rei meu senhor e primo (D. Joao II), os quaes nao podemos deixar de agasalhar, porque seria crueza fazermos o contrario; os outros sao da nossa casa, com outros que nos recresceram de que nos nao podemos excusar: mas posto que nosso desejo seja fazer a todos merce, por disso levarmos grande gosto, comtudo daqui por diante folgaremos de continuar na melhor maneira que podermos.»*

O infante D. Pedro, duque de Coimbra, que foi modelo entre nós da arte de bem governar, quando regeu este reino na menoridade de seu sobrinho el-rei D. Affonso v, attendeu e proveu de remedio os aggravos que Lisboa soffria por esse motivo. Durante o seu governo, pois, mandou construir um palacio no Rocio de Lisboa para se aposentarem n'elle tanto os embaixadores estrangeiros, como as pessoas da corte que não tivessem quarto nos paços del-rei, nem domicilio seu na cidade.

Começou-se o edificio pelos annos de 1449, e deu-se-lhe o nome de *paços dos Estáos*.

Sobre a etymologia d'este nome encontram-se tantas opiniões differentes quantos são os auctores que d'ella tratam. Auctorisados porém com o alvará, que determinou aquella fundação [1], diremos que a palavra *estáos* significava hospedaria, e derivava-se com pouca corrupção do antigo vocabulo *hostáo*, que designava casa de aposentadoria publica.

A praça do Rocio tinha exactamente a mesma situação, e a mesma grandeza, pouco mais ou menos, que hoje tem. Era porém muito irregular, não só em relação aos edificios que a cercavam, como tambem relativamente á sua propria área, que n'uns pontos se alargava, e n'outros se estreitava.

O lado do norte era occupado com os dois paços, dos Estáos, e do conde de Ourem, D. Affonso, que mais tarde foi feito marquez de Valença, e que falleceu solteiro em vida de seu pae, D. Affonso, primeiro duque de Bragança, deixando um filho bastardo de quem procederam os condes de Vimioso e marquezes de Valença.

O paço dos Estáos erguia-se da parte de oeste, e o do conde de Ourem da de léste. Separava-os uma rua, que, torcendo por detraz do segundo, ia saír junto ás portas da cidade, chamadas de *Santo Antão*, onde começava a rua d'este nome, que vinha desembocar no Rocio pelo outro lado do palacio do dito conde, a qual se conserva com a mesma direcção e denominação de *rua das Portas de Santo Antão*.

Não estavam porém os dois palacios edificados na mesma linha. O do conde de Ourem ficava muito recolhido, e o dos Estáos tanto para diante que as duas fachadas que tinha, uma voltada para o sul, e a outra para léste, caíam ambas sobre a praça do Rocio.

Não se distinguia o paço dos Estáos por adornos architectonicos, antes tudo n'elle revelava a singeleza dos costumes d'aquelles tempos, em que a architectura só nas egrejas se esmerava.

Entretanto dava-se uma circunstancia n'aquelle edificio, que não era muito commum em casas de habitação, e consistia na perfeita regularidade e symetria das duas fachadas referidas. Compunha-se a frente do sul de um corpo central, flanqueado por dois pavilhões mais elevados e resaltantes. O corpo central constava de um andar nobre, e de outro terreo com um grande portal no meio. Os dois pavilhões tinham tambem dois andares, porém o primeiro ficava pouco inferior ao nobre do corpo central, e o segundo superior a este, rematando os telhados em fórma piramidal.

Tinha esta fachada 17 janellas, oito nos pavilhões, sendo duas em cada andar, e nove no corpo central, que eram as cinco do andar nobre, e quatro do pavimento terreo, duas de cada iado do portal.

A frente de léste differia d'aquella em ter menos janellas, e em se elevar o corpo do centro a toda a altura dos dois pavilhões que a rematavam. Tambem só tinha uma grande porta no meio do pavimento terreo.

Pelo lado de oeste deitava uma frente irregular do paço para um beco. Pelo lado do norte confinava com a muralha da cidade, construida por el-rei D. Fernando. [1]

Tinha-se acabado havia pouco o palacio dos Estáos, ou talvez não estaria ainda concluido inteiramente, quando se celebraram em Lisboa com grandiosas festividades as nupcias da infanta D. Leonor, filha del-rei D. Duarte, e irmã del-rei D. Affonso v, com Frederico III, imperador de Allemanha [2]. Foi então a primeira vez que serviu aquelle paço, ornando-se com soberbas galas para receber os dois embaixadores de Frederico III, Nicolau Lanckman de Valckenstein, e Jacob Motz, que n'elle estiveram hospedados durante os mezes de agosto, setembro, e parte de outubro de 1451.

Em todo este reinado, e nos dois seguintes de D. João II e D. Manuel, continuou o paço dos Estáos a servir de hospedagem aos embaixadores estrangeiros, e a pessoas pertencentes á corte. Reinando porém D. João III foi desviado inteiramente este palacio do fim para que fôra fundado.

Por vezes este soberano veiu morar n'elle, deixando os seus paços da Ribeira. Uma d'essas vezes foi por occasião do casamento de sua filha, a infanta D. Maria, com o principe D. Filippe, filho do imperador Carlos v, seu successor no throno de Hespanha, com o nome de Filippe II.

Celebrou-se o consorcio por procuração nos paços de Almeirim, em 1543. D'alli foi a familia real para Cintra, onde se demorou alguns dias, e passando para Lisboa, foi residir no paço dos Estáos, d'onde a infanta D. Maria partiu para Castella.

Finalmente, introduzido em Portugal o terrivel tribunal da inquisição, deu-lhe el-rei D. João III para sua séde o paço dos Estáos.

A introducção do santo officio data do anno de 1531. Foi suspenso do seu exercicio pelo papa em 1534. Dois annos depois foi nova e definitivamente erecto, a instancias d'aquelle soberano. O primeiro *auto da fé* celebrou-se em 1540.

Todos os nossos auctores, que tratam da origem da inquisição em Portugal, são conformes em dizerem que se installou desde logo no paço dos Estáos; e nenhum, pelo menos dos que temos consultado, refere que fosse transferida em tempo algum para outro edificio da cidade. Todavia é bem notavel, que tendo el-rei D. João III em Lisboa os paços reaes da Ribeira, fundação de seu pae, e que eram os melhores e mais vastos, e além d'estes os das Alcaçovas, no castello de S. Jorge, ainda que então occupados pelo alcaide-mór de Lisboa; e finalmente os de Santos [3], que posto estivessem fóra da cidade, ficavam perto dos seus muros, fosse esse monarcha e sua familia morar em um palacio em que se achava estabelecida a inquisição. Esta circunstancia será ainda mais digna de reparo, se se attender a que esse palacio foi preferido aos outros até em uma occasião de tão grande solemnidade para a corte, como foi a do casamento d'aquella infanta com o filho herdeiro do mais poderoso soberano que então havia na Europa.

Se a estas considerações juntarmos outra, muito mais ponderavel, a de que o rei que introduziu a inquisição nos seus reinos, e que tão affeiçoado foi aos paços em que a estabeleceu, viu extinguir-se quasi totalmente a numerosa prole de seu pae, e a sua propria, póde presumir-se que n'esta coincidencia poz Deus um castigo.

[1] Nós El-rei fazemos saber a bos Vereadores, Procurador, e homens bons da nossa mui nobre e mui leal cidade de Lisboa, que nas Cortes, que em essa Cidade, foi accordado segundo sabees, que nos bairros dos Senhores ácerca dos paaços, que em essa Cidade tivessem, fossem feitos Estáos em que os seus podessem pousar por seus dinheiros, e porque o Conde de Ourem, mei primo hi tem seus paaços como sabees, porém vos mandâmos, que logo mandees fazer os ditos Estáos no dito seu bairro, o mais ácerca dos seus paaços que bem poderdes em tal guiza que os seus abastadamente em elles possam pousar, etc.
Este alvará tem a data de 13 de outubro de 1449.

[1] Vid. Cerca de D. Fernando a pag. 227 do vol. v.

[2] Vid. pag. 273 do vol. IV.

[3] Occupavam estes paços o local onde vemos o palacio dos srs. marquezes de Abrantes.

E com effeito, a perda de cinco irmãos e dez filhos, que a morte lhe arrebatou durante o seu reinado, e a magoa de ter de legar a sua pesada coroa a uma criança de tres annos [1], não seriam estes acerbos desgostos uma expiação anticipada que lhe impunha a justiça divina, pelos milhares de vidas que ao diante se extinguiram sobre as fogueiras da inquisição, e no meio dos mais horriveis tormentos que a crueldade dos homens tem inventado?

A essas continuas desditas, que encheram de amargura a existencia de D. João III, podiamos acrescentar ainda o longo estendal dos infortunios de Portugal, que, principiando no tragico successo de Alcacerquibir, só terminou ao cabo de sessenta annos de captiveiro!

Durante mais de dois seculos e meio foi o paço da inquisição um logar de terror para os que o viam, e de martyrio para os infelizes que ahi eram levados sob prisão. A sua historia em todo este periodo é a chronica negra do santo officio. Não cabe o seu esboço nos limites d'este artigo.

O terremoto de 1755 arrasou completamente aquelle edificio, bem como os outros que orlavam a praça do Rocio. Na reedificação da cidade deu-se nova fórma a esta praça, e o novo palacio da Inquisição estendeu-se para léste, occupando todo o lado do norte do Rocio.

Este palacio, que teve por architecto Carlos Mardel, constava de tres corpos: o principal, que a nossa gravura representa, tomava o fundo da praça, onde agora se ergue o theatro de D. Maria II; o segundo era mais recolhido, e correspondia á rua *Aurea*, ou *do Oiro;* e o terceiro resaltava d'este até se alinhar com o primeiro, deitando uma frente para a rua do Principe. No terreno occupado por estes dois corpos do palacio vemos ao presente o largo de Camões, e os predios que o guarnecem pelo lado do norte.

Na reconstrucção do palacio fez-se-lhe um jardim com seu lago e estatuas de marmore. Este jardim estendia-se pela rua do Principe até cair sobre a rua do Regedor, onde tinha uma porta. Corria na altura do andar nobre do palacio, sobre abobadas das lojas que orlavam aquella rua. Actualmente está transformado em differentes casas de tres andares de risco uniforme. As estatuas do jardim estão decorando interiormente o reservatorio das Amoreiras.

Quasi ao mesmo tempo em que um cataclismo da natureza lançou por terra o palacio da inquisição, um acto arrojado da politica illustrada de um grande ministro veiu abalar pelos fundamentos essa tremenda instituição.

El-rei D. José I, aconselhado pelo marquez de Pombal, acabou com a distincção odiosa entre *christãos novos* e *christãos velhos*, aboliu o supplicio do fogo, e por mais outras disposições coarctou o poder da inquisição, e poz freio ás suas perseguições.

Assim pois, quando foi extincta pela revolução de 1820, estava quasi acabada de facto. [2] O povo, no meio dos alvoroços da liberdade, rompeu como onda embravecida contra o palacio do santo officio. Ninguem lhe disputou a passagem. Invadiu-o por toda a parte; desceu aos mais profundos carceres, e devassou os mais occultos aposentos. Conservaram-se abertas e francas ao publico por muitos dias as portas do edificio, e todos que n'elle entraram saíram horrorisados do medonho aspecto dos carceres subterraneos, e dos logares e instrumentos do supplicio. Porém poucos presos encontraram.

Quando rebentou essa revolução, que teve por theatro a praça do Rocio, aquelle palacio tambem servia de séde á regencia, que, desde a partida da familia real para o Brasil, governava o reino. Por este motivo começaram a chamar-lhe *palacio da Regencia*, e esta denominação tinha-se tornado quasi geral, o que provaria, se não houvessem outras razões mais fortes, que a inquisição, nos seus ultimos annos, estava, como acima dissemos, quasi acabada de facto.

Depois da extincção do santo officio foi applicado o seu edificio a differentes usos. Foi palacio do governo provisorio, creado no dia 15 de setembro de 1820, e de varias repartições, da camara dos pares em 1826, e do thesouro publico desde 1833 até 1836. Estando accommodados em seu vasto recinto o tribunal e contadoria do thesouro publico, a secretaria da fazenda, a commissão do credito publico, e a repartição do papel sellado, foi reduzido a cinzas por um incendio no dia 14 de julho de 1836.

A gravura que acompanha este artigo representa o corpo principal do palacio, como ficou depois do incendio, e da demolição dos dois corpos que se estendiam para oeste.

Até 1820 campeava sobre o vertice da empena a estatua colossal da Fé, calcando a heresia. Arriada n'esse anno no meio dos applausos do povo, que enchia a praça do Rocio, foi levada para a repartição das obras publicas. Esta estatua de marmore foi modelada por Joaquim Machado de Castro, e executada pelos seus discipulos João José Elveni, Alexandre Gomes, Francisco Leal Garcia e José Joaquim Leitão.

Tinha este palacio uma escada grandiosa e mui vastas salas, nas quaes se passaram muitos successos importantes da nossa historia moderna, além dos referidos, e que deixámos de relatar em logar devido por ir longo este artigo, e nós um pouco apressados. Mas, apesar d'estas razões, mencionaremos tres acontecimentos, dois que tiveram graves consequencias, e o outro, que só teve a importancia do momento e a de impressões passageiras. Principiaremos pelo ultimo, seguindo a ordem chronologica.

Consistiu este nas magnificas e apparatosas festas com que o conde Fernão Nunes, embaixador de D. Carlos IV, rei de Hespanha, solemnisou no palacio da inquisição, onde fôra hospedado, o consorcio do nosso infante D. João, depois rei, com a infanta de Castella, D. Carlota Joaquina de Bourbon. A illuminação com que adornou a nobre frontaria do palacio em a noite de 8 de maio de 1785, e nas seguintes, foi tão esplendida e sumptuosa, que ficou proverbial por muitos annos como typo do fausto e do bom gosto em funcções d'este genero.

Realisou-se o segundo acontecimento em 11 de novembro de 1820. Foi uma tentativa do general Silveira, e de alguns poucos individuos influentes no exercito, que pretenderam proclamar e fazer acceitar pela nação a constituição hespanhola de 1812, para, á sombra d'ella, crearem uma situação politica, em que podessem dictar a lei ao paiz.

Em a noite de 17 do mesmo mez foi Manuel Fernandes Thomaz, o patriarcha da liberdade portugueza, levado triumphalmente nos braços do povo, pelo meio do Rocio, entre o clarão dos archotes, e ao som de clamorosos vivas, ao palacio da inquisição, então chamado do Governo, e ahi restituido ás funcções que exercia seis dias antes. Assim ficou vencida aquella tentativa ambiciosa. Porém não tardou muito em rebentar de novo lá na provincia de Traz-os-Montes, desenrolando a bandeira do absolutismo. Foi a primeira guerra da liberdade em o nosso paiz.

Em fim, o terceiro acontecimento foi o do dia 24 de abril de 1824, que teve por theatro a praça e palacio do Rocio, e o paço da Bemposta. [1]

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O mundo sem Eva estava sem gala.

FR. RAPHAEL DE JESUS — Sermões.

[1] El-rei D. Sebastião, seu neto.

[2] Foi extincta de direito pelas côrtes, em 1821.

[1] Vid. pag. 14 d'este vol.

CRONICAS DO POVO

III

O PASTOR

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

I

Entre Neufchâteau e Vaucouleuro estende-se um amenissimo valle, banhado pelo Mosa, e moldurado por alguns oiteiros cobertos hoje de campos de lavoira, de pomares, de herdades e de aldeias.

Difficilmente se encontraria sitio mais socegado e mais fertil. Está-se como a mil legoas da civilisação das grandes cidades, e entretanto nada se encontra que pareça selvagem, nada que indique miseria ou ignorancia. Os campos estão cobertos de cearas, as pastagens de rebanhos, as estradas de carros e carroças. Os homens tem um parecer serio e desassombrado, as mulheres uma formosura limpida e um sorriso casto. Em tudo se encontra benevolencia natural e digna, coisa alguma apresenta symptomas de servilismo. Conhece-se a Lorena e a sua povoação sadia, corajosa e sympathica, onde se encontram reunidas a natureza da mulher e a natureza do soldado.

Na epocha em que se passam os factos que vamos contar, as longas desgraças que acompanharam a demencia de Carlos VI tinham alterado, e não fôra alli só, tanto o caracter dos homens como o aspecto das coisas. Muitos campos havia em baldio, quasi todas as estradas intransitaveis. Raro era o dia em que o sino do castello não espalhava o terror pelo valle annunciando a aproximação de forças inimigas.

Então os camponezes, e quanto mais depressa melhor, tratavam de reunir os rebanhos, de carregar os carros com a mobilia de mais valor, e de correrem para a cidadella, onde encontravam asylo momentaneo.

Estas desordens porém traziam sempre grandes perdas comsigo, após as quaes vinham as difficuldades, depois o desanimo, e a miseria por fim.

As dissensões civis augmentavam estas desgraças ainda. Cada povoação pertencia ao seu partido, e os visinhos, em vez de se soccorrerem uns aos outros, não cessavam de andar em lucta, prejudicando-se reciprocamente. Uns tinham-se declarado pelos do Armagnac e pelo rei de França Carlos VII; os outros pelos inglezes e pelos de Borgonha, seus alliados.

Desgraçadamente eram estes ultimos os mais fortes e que em maior numero havia, quasi em toda a parte. A Inglaterra não só tinha tomado conta de parte da França, mas ainda tinha apresentado á frente do governo um principe inglez, o duque de Bedford, em favor do qual se tinham declarado os parisienses.

Entretanto a chegada da primavera dispertára algumas esperanças nas populações amarguradas pelo comprido inverno. Quando viram reverdecer os campos e rebentar as arvores, começaram a ganhar algum animo. Os mais infelizes entregaram-se aos primeiros alvores de felicidade que o sol de maio traz comsigo. Não podiam acreditar, vendo reapparecerem os consoladores raios do sol, e com elles a verdura e as flores, que os negocios da França não reverdecessem tambem á similhança dos campos.

— A Providencia não póde ser mais cruel para os homens, do que é para os campos, diziam os aldeões velhos.

E cobravam esperança só porque Deus *manifestára signaes visiveis do seu poder.*

Os habitantes de Domremy, povoação situada n'uma das vertentes do valle em que fallámos, tinham experimentado, como os outros, a influencia benefica do viçar do anno. Animados com a apparição dos dias formosos, quizeram celebrar a festa da primavera, encaminhando-se em procissão á *arvore das fadas*. Era uma faia antiga que estava na estrada de Domremy, em Neufchâteau, e proximo da qual jorrava uma fonte abundante.

Respeitavam-n'a por aquelles sitios como arvore magica, á sombra da qual vinham as fadas todas as noites dançar em roda ao clarão das estrellas. Todos os annos o senhor do cantão seguido pelos rapazes, raparigas e crianças de Domremy, ia visitar a antiga faia, que enfeitavam então com fitas e flores.

N'esse dia uma grande turba acabava as ceremonias do costume, e estava-se preparando para recolher á aldeia.

Via-se á frente um grupo de gentis-homens trajando sedas e a cavallo; entre estes algumas damas nobres trazendo á cintura o molho de chaves, que indicava castellania, e com ellas algumas jovens com os rosarios de vidros de côr na mão.

Seguiam-se os lavradores vestidos de panno amarellado, com cinto e escarcella de pelle de cabra; após estes as raparigas e crianças que entoavam as maias e as lôas em commemoração dos dias formosos.

De longe a longe caminhavam alguns convalescentes, que tinham vindo para ver se recuperavam mais depressa as forças dando tres voltas em roda da faia; ou doentes trazidos á fonte cujas aguas curavam febres. Finalmente, e atraz de todos, uma familia composta de seis pessoas, um homem e uma mulher já na declinação da idade, e em companhia d'estes, tres filhos e uma filha.

A physionomia do pae e da mãe era grave e honrada; na dos rapazes lia-se simplicidade franca. A rapariga mais nova ia cantarolando como um passarinho; a mais velha, porém, que ia atraz dos seus, apresentava no todo o que quer que era de suave, mas vivo e puro ao mesmo tempo, que causava impressão profunda aos que a viam. Ia andando lentamente, e repetindo a meia voz uma oração em que parecia toda absorta, quando um rumor se fez ouvir de repente na multidão.

Tinham-se voltado os olhos de todos para a estrada d'onde se levantava uma nuvem de poeira.

— São os soldados de Marcey que nos vem atacar! exclamaram muitas vozes.

E apossando-se um terror panico das mulheres e das raparigas, deitaram todos a fugir para o lado da aldeia.

Marcey effectivamente estava do lado dos de Borgonha, e os seus soldados tinham tido já, e por muitas vezes, encontros sérios com os de Domremy; mas d'esta vez foi o pavor de curta duração: quando a nuvem de poeira se aproximou mais, poderam ver que se tratava apenas de cinco ou seis rapazes, que vinham perseguindo outro á pedrada, gritando:

— Mata, mata! que é dos de Armagnac!

Alguns homens de Domremy, que não tinham participado do susto geral, responderam a este grito, bradando tambem: *mata, mata os de Borgonha!* e foi bastante para que os perseguidores retrocedessem correndo pela estrada de Marcey. Em quanto o perseguido, esse parou coberto de suor, de poeira e de sangue no meio dos que lhe tinham acudido tanto a tempo. Era um rapaz de uns quinze annos proximamente, forte e lesto, em cuja physionomia se mostrava uma expressão resoluta; estava vestido mais pobremente ainda, do que os cabreiros mais pobres do valle.

— Pelos santos da corte do ceo! o que é que queriam aquelles damnados malandrinos, para te perseguirem assim tão encarniçadamente? — perguntou um dos aldeões, que mostrára mais sangue frio no meio do susto geral.

— Queriam que eu dissesse: Viva o duque Filippe, esse que é rei inglez, respondeu o rapazote.

— E tu não quizeste?

— Respondi: Viva o rei Carlos VII, nosso gentil principe e legitimo senhor.

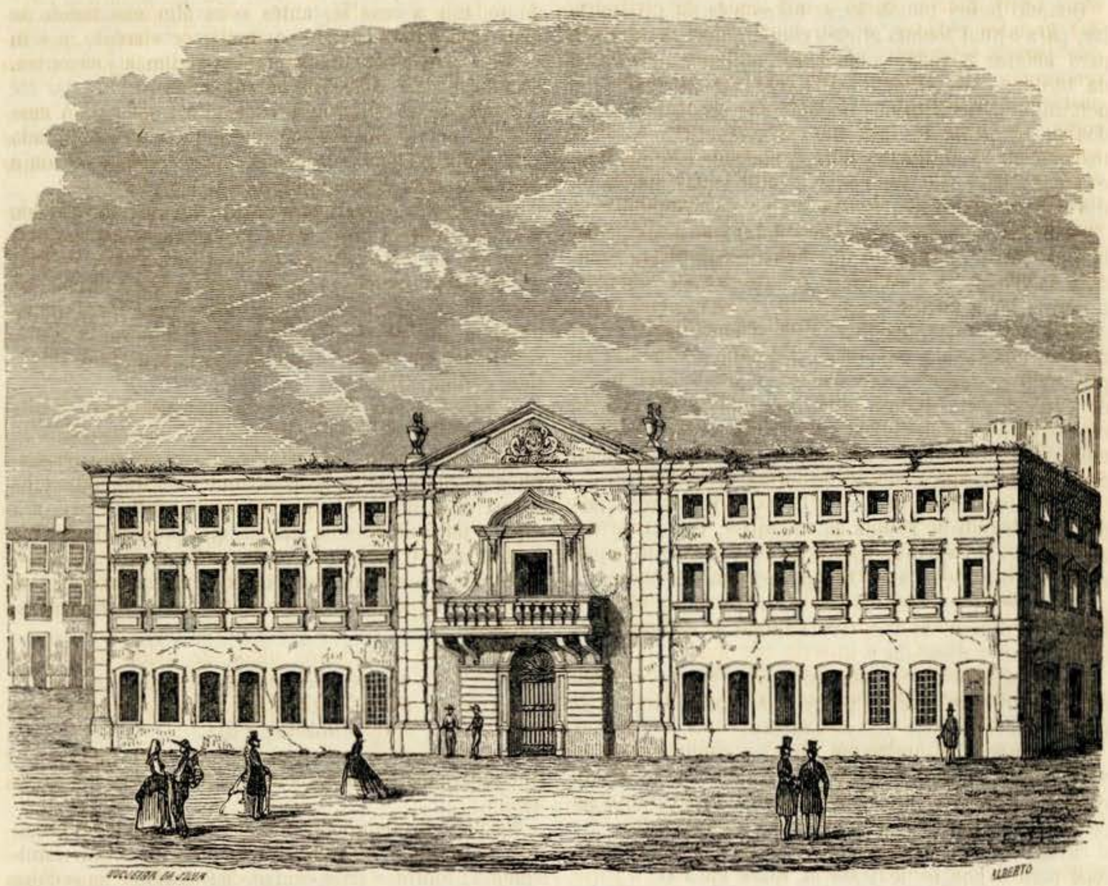
Rumores de approvação se ouviram entre os circunstantes.

— Foi fallar de honrado, respondeu o camponez, e louvo a Deus por termos podido livrar-te d'aquella cafila. É uma vergonha para a gente de Domremy, que possam os cães borgonhezes de Marcey morder assim em todos os verdadeiros francezes que vem ter comnosco. Um dia ou outro ha de acabar-se com isto deitando-lhe fogo ao canil.

Algumas vozes approvaram estas palavras, em quanto outras mais moderadas aconselhavam prudencia; por fim seguiram, ficando atraz de todos o rapaz, que tinha de lavar uma pequena ferida na testa e estancar-lhe o sangue.

Proximo d'elle tambem ficára a rapariga em que fallámos ha pouco, a qual, deixando a familia adiantar-se, chegou-se ao ferido fallando-lhe com voz compadecida.

— Aquelles maus fizeram-vos sangue, disse olhando para a ferida que o rapaz estava lavando na fonte. É uma lastima ver correr assim por toda a parte o sangue da pobre gente; aqui é só ás gotas, mas ha sitios onde é em torrentes.



Paços da Inquisição

É verdade, tornou o rapaz. Os de Borgonha tem ido de cima; dizia-se outro dia em Commercy que tinham derrotado de novo os francezes em Verdun. E por isso, quando eu andava guardando cabras em Pierrefite diziam por lá, que em pouco tempo havia de estar tudo em poder d'elles.

— O bom Deus não ha de querer tal coisa, atalhou vivamente a rapariga; não de certo. Ha de conservar-nos os nossos verdadeiros reis, para que nós possamos ser verdadeiros francezes. Tenho confiança em Deus e na sua bemaventurada companhia, S. Miguel, Santa Catharina e Santa Margarida.

A estas palavras benzeu-se devotamente, ajoelhou e pronunciou a meia voz uma supplica fervente. Depois tomou a palavra para fazer algumas perguntas ao rapaz.

Este respondeu: — que se chamava Remy Pastouret, que seu pae era um pobre cabreiro que morrêra havia pouco, e que elle ia para a companhia de um parente no convento dos carmelitas de Vassy.

Em paga d'esta declaração, disse-lhe a rapariga: — que se chamava Joanna, nome do baptismo, e Roméa por ser este o appellido de sua mãe; que seu pae possuia uma casa e algumas terras de que vivia pobremente e mais a sua familia.

Conversando n'estas coisas chegaram á aldeia. Joanna perguntou a Remy onde tencionava passar a noite.

— Onde passei estas tres ultimas, respondeu-lhe o moço cabreiro; á porta de uma egreja com uma pedra por colchão e o ceo por telhado.

Perguntou-lhe o que toncionava ceiar.

— Uma codea de pão duro molhada na agua da fonte da povoação.

Quiz saber ainda com que contava para continuar a sua viagem até Vassy.

— Com uma saude robusta e com a providencia de Deus, disse-lhe Remy em conclusão.

— Em quanto a estas ultimas, replicou-lhe Roméa, bom é que as conserveis; mas haveis de permittir que ao pão duro junte o leite das nossas cabras, e que substitua um logar debaixo de telhas christãs ao lagedo do adro.

Dizendo estas palavras conduziu-o para uma casa, cujos telhados eram de colmo e estavam guarnecidos de musgos e de molhos de féto. A familia ia para a mesa. Joanna mandou entrar o rapaz, indicou-lhe o logar que estava reservado para ella, e retirou-se para o canto da lareira onde ficou a rezar.

Ninguem fez observações a respeito d'esta substituição da joven aldeã por um conviva estranho; porquanto, havia muito que todos estavam costumados a casos similhantes. Conhecendo que a sua familia era muito pobre para dar, e não querendo que a sua generosidade fosse cercear o necessario dos outros, nunca dava esmola senão do que lhe competia, cedendo ao pobre que trazia para casa o seu logar á mesa, e a sua cama de feno.

Quando Remy tomou logar entre a familia junto do lar, para o qual Joanna atirára com alguns ramos, tanto para alegrar a vista, como para combater a frescura da tarde, começou de novo a rapariga a dirigir-lhe perguntas a respeito das noticias que lhe tinham dado dos negocios da França. Remy ia repetindo os boatos que no caminho lhe tinham chegado aos ouvidos, e a cada desastre que contava, soltava a camponeza um suspiro e cruzava as mãos com desalento.

— Se as raparigas podessem deixar a roca e os rebanhos, dizia ella, talvez que Nosso Senhor se compadecesse d'ellas, e lhes concedesse a victoria que nega a outros mais fortes.

— São pensamentos loucos esses teus, Joanna, dizia-lhe, abanando a cabeça a estas palavras, seu velho pae; não cuides n'essas coisas; pensa antes em Bento de Toul, teu noivo, que espera encontrar em ti uma esposa honesta e trabalhadora. Nós cá os do povo nada temos com as coisas d'este mundo. Aos nossos principes incumbe arranjal-as com a ajuda de Deus.

No dia seguinte levantou-se Remy ao romper do dia; mas já encontrou Joanna no trabalho. Depois de lhe ter agradecido quanto lhe devia, perguntou-lhe qual era a estrada de Vassy. A rapariga, que ia sair para as charnecas, encaminhou-o até á primeira encruzilhada, e depois de lhe ter indicado a direcção que devia seguir, disse-lhe:

— Ide sempre direito por ahi fóra até Marne, e quando encontrardes cruz ou egreja, não vos esqueçaes do reino da França nas vossas orações.

Proferindo estas palavras, deu-lhe o pão que trouxera para o seu almoço, e ainda em cima tres dinheiros, que eram as suas economias todas; e como o rapaz lhe quizesse agradecer, saltou rapidamente para o cavallo que ia á frente do rebanho, e deitou a galope para o bosque levando as rezes após si.

Por muito grande que fosse a miseria do povo da Lorena, em consequencia das exacções praticadas durante o reinado precedente, e das discordias politicas do que lhe succedeu, podia entretanto considerar-se feliz se comparasse a sua sorte com a das provincias visinhas. Podia cultivar de dia, ceifar e debulhar os trigos, trazer rebanhos a pasto nas collinas; em summa o paiz estava pobre, mas não completamente devastado. O peor eram os roubos praticados pelas diversas guarnições das cidades, e as rapinas dos bandos de bohemios ou de aventureiros armados, que, á similhança dos lobos, saíam pela tarde dos cerrados para procurarem preza. E ainda assim, a nobreza que estava defendida nos seus castellos fortificados escapava a estas devastações. Enriquecida pelas conquistas do seculo precedente, não cuidava senão em gozar a sua opulencia.

Em occasião alguma fôra o luxo tão extravagante. As mulheres traziam, em vez de toucados, uma especie de torres carregadas de perolas e rendas; das extremidades do calçado pendiam-lhes bolêtas de oiro, e os vestidos eram de velludo, seda e brocado, recamados de pedras preciosas.

Um caso inesperado collocou o moço viajante em circunstancias de conhecer esta riqueza, de que, até então, nem sequer tinha idéa.

Acabava de atravessar uma pobre aldeia, cujos habitantes estavam occupados em pescar rãs n'um charco para jantarem, quando se achou diante de um castello. As muralhas estavam cercadas de um fosso cheio de agua corrente, onde andava nadando um bando de cysnes, cujas pennas ostentavam uma alvura deslumbrante. Remy, que parára para lhes admirar as graciosas evoluções, sentiu de repente grandes clamores elevarem-se detraz de si. Voltou-se e viu uma dama n'um cavallo que ia desenfreado para os fossos. Muitos nobres e valentes parados junto da ponte levantavam os braços ao ceo, e soltavam gritos de desanimo. Em poucos instantes o cavallo espavorido se lançaria á agua. Levado por um impeto subito, e sem calcular o perigo, Remy arrojou-se-lhe ao encontro, agarrou-lhe nas redeas, e deixou-se assim arrastar até ás margens do rio, onde o cavallo tropeçou. A castellã, perdendo a sella com o choque, foi arremeçada para diante; mas elle recebeu-a nos braços e poisou-a suavemente em terra.

Tudo isto passára com tamanha rapidez, que quando os nobres chegaram já a dama estava de pé, e quasi restabelecida do susto. Remy, esse deitára a correr após o cavallo, que em pouco trouxe pela redea.

— Eil-o, eil-o, disse o mais velho dos nobres a uma pergunta que lhe fizera a dama. Aproxima-te, valente, para te podermos agradecer o serviço que prestaste a minha filha.

— Se não fosse elle, acrescentou esta com voz ainda trémula, estava perdida.

— Vamos, vamos, já passou, acrescentou o castellão acariciando-a; mas tambem quem te metteu na cabeça ir assim a cavallo esperar os nossos convivas?

A castellã ordenou a um pagem que levasse o seu cavallo para o castello, e disse a Remy que a seguisse; e depois adiantou-se em companhia de seu pae, para receber um rancho de damas e de cavalheiros, que se dirigiam para a ponte levadiça.

(Continúa)

BIBLIOGRAPHIA

SOMBRAS E LUZ, POR BERNARDINO PINHEIRO

Aos periodos de maior movimento litterario tem sempre correspondido, em toda a parte, o maior desenvolvimento, gloria e prosperidade das nações. Os seculos de Augusto, Leão X, Luiz XIV e D. João III, conduzem ao conhecimento d'esta verdade; e nunca se poderá dizer abatido um paiz, quando a vida intellectual por todo elle pullula, vigora e se expande, encarnada em robustas idéas, fecunda em crenças, rica do saber de hontem, avida das novidades de ámanhã.

Lavra na actualidade em nosso paiz uma desoladora idéa de que vamos cada vez mais degenerados e abatidos. Simil hantes a esse povo que, em afastadas eras, chorava a antiga servidão, porque era longa, incerta e cortada de riscos a via da terra promettida; sentados no marco milliario, com que as grandes revoluções costumam assignalar as mais notaveis epochas da existencia dos povos, olhâmos saudosos e compungidos para o passado, deslumbrados com suas prestigiosas exterioridades; e scepticos do presente, duvidâmos do futuro.

Será isto um dos primeiros symptomas do anniquilamento, ou apenas a fadiga do porfioso lidar, com que ha dois dias, á similhança d'outros povos, saímos do estado de chrysalida, a que as influencias feudaes, o despotismo dos reis e o fanatismo religioso tinham tecido o inextricavel casulo?

É mais acerto optar pela segunda. É falsa a crença dos Jeremias a chorarem sobre as ruinas da sua abatida Sião.

Como a existencia dos homens, tem attritos e difficuldades a existencia dos povos. Na grande tela dos acontecimentos alternam-se periodos de grandeza e de abatimento. As nações tambem expiam como os homens os crimes e erros que praticam; mas de muito alto lhes ha de provir o mal, para que hajam de succumbir a elle irresistivelmente. As desgraças publicas retemperam as mais das vezes o espirito; são como baptismo de fogo que apura e regenera. Job abatido, prostrado e dolorosamente provado, despiu-se uma vez das ulceras que o chagavam, e appareceu escorreito e são na presença do Senhor, porque o espirito, centelha divina, accendida na fé, robustecida na piedade, apurada na desgraça, vigiava solicito e inabalavel no varão santo.

No estado presente da humanidade, mal do paiz em que não ha queixumes. A vida é um circulo de girar eterno, onde o bem e o mal se confundem; embora, na velocidade do giro tendam a separar-se. Sempre em constante pugna estes heterogeneos elementos são os grandes moveis do progresso; e onde ha esta lucta, ahi o trabalho, o soffrimento, o queixume e a vida.

Não desesperem do futuro de um paiz, quando ouvem chorar; porque á consciencia da dor anda sempre annexa a da existencia. Quando, pois, se obedece por ahi a esse habito de maldizer de tudo; quando me asseveram que o paiz está gasto, caduco e semi-morto; quando me dizem que as revoluções foram a espada com que o archanjo expulsou do venturoso éden do passado este pobre Portugal, votando-o aos trabalhos e dores de um pavoroso porvir; escutando a vehemencia da queixa, não descreio da força do que a solta: attendendo á marcha das coisas, convenço-me de que o paiz espera; do movimento de suas idéas, deduzo a realidade do seu progresso.

Força para lidar, esperança para commetter, idéas para se dirigir, desenvolvimento verdadeiro e real de angulo a angulo do paiz; e eis os factos a encarregarem-se da refutação das theorias pessimistas.

Não me tem distanciado muito estas considerações de meu intento. Vou fallar de um livro que ha pouco veiu a lume: da sua leitura talvez derivaram ellas; porque, alma criada ao sol da liberdade sempre estremece de enthusiasmo, quando sente dardejar raio mais vivo d'esse foco eterno que escolheu, como Oriente, as summidades do Golgotha para esclarecer d'alli a vastidão do globo.

Não são estas columnas as primeiras a dar ao livro as boas vindas, e os parabens ao auctor das *Sombras e Luz*; novo romance historico, por onde Bernardino Pinheiro continúa fervido apostolo da idéa politica, de que fez profissão no Arzilla que ha pouco mais d'um anno publicou. *Sombras e Luz* não é um livro que não convide a mais que uma rapida e unica leitura. O pensamento que n'elle vive é cheio de fé no progresso pela liberdade, na liberdade pelo progresso. É um estudo cuidadoso de antigas coisas do nosso paiz, como de quem está convencido que pelo passado de uma nação se póde apreciar o alcance de seu futuro, e perscrutar o mais acertado caminho de a conduzir até elle, evitando graves erros e temerosos obstaculos.

O livro foi perguntar aos archivos da historia se a associação universal seria apenas um sonho; e a historia robusteceu as aspirações da philosophia, que produziu essa idéa grandiosa, em que hoje commungam as maiores e mais desassombradas intelligencias d'este seculo.

Esta aspiração gigantesca é, sem duvida, o fim ultimo do progresso. É dogma eterno que preexiste e se revelou, ainda que mal, em Salomão, em Cyro, em Alexandre, em Cesar; e melhor na influencia moral que uma nação chega a assumir sobre as nações com quem está em maior contacto, dominando-as pelo influxo da idéa, sem o menor vislumbre de violencia. Esta união tacita das nações, em volta de um centro, commummente reconhecido e acatado, prova a existencia de um pensamento de que a humanidade não dissente; pensamento hoje apenas formulado; mas que tende ao maximo desenvolvimento, como theoria, e mais tarde, talvez, ás realidades da pratica.

O prestigio do pontificado romano teria n'outras eras o poder de realisal-o, se já então tivesse amadurecido; mas ainda não era aquella a sua hora.

A par d'este pensamento de tamanho vulto, vão disseminados ainda por todo o livro outros de momentosa utilidade: nas mais eloquentes paginas respira um profundo amor de liberdade, religião e patria: severo com os abusos do fanatismo e da prepotencia, ha sentimento e uncção na palavra, quando o auctor, curvando a fronte ás immaculadas doutrinas de Christo, com verdadeira fé, as confessa o mais seguro palladio da liberdade.

Que é absorver o homem, a familia e a sociedade inteira em nome de Deus, para interesse de seus pharisaicos apostolos? Que é propagar a fé augmentando o numero dos vicios á custa do numero dos homens? Que é pôrem-se péas ao espirito, transfigurando o cordeiro de paz, o verbo da liberdade em sanguinolento abutre, que se alimenta de lagrimas e de apertos de alma, em tigre que despedaça, em braço que forja golilhas e algemas?

São estas questões sobre que se encontram alguns firmes traços nas *Sombras e Luz*.

Tão desinteressada como na consciencia me nasceu, eis uma opinião ácerca do livro.

É um romance?

Na accepção em que esta palavra hoje vigora, uma historia cheia de impressões, enredada de incidentes, em que as paixões se agitam, e se multiplicam os acontecimentos a enleiar o espirito, preparando-lhe aqui uma sopreza, dando-lhe um segredo a adivinhar n'outra parte; afoitamente se póde dizer que não é romance. Conhece-se que a fabula, como os classicos lhe chamariam, não foi cuidado unico do auctor; mas ainda assim, nas *Sombras e Luz* ha um livro de uma leitura facil, insinuante e amena, vasado nos moldes do romance de Walter Scott, sem comtudo o imitar no muito que este dá á imaginação.

Bernardino Pinheiro foi buscar á historia uma grande epocha, fel-a desfilar, com todo seu cortejo de defeitos e virtudes, diante do leitor, e envolveu n'ella seus personagens, para lhe dar mais alto relêvo.

Sombras e Luz é um livro inteiramente despretencioso: não aspira a crear eschola, mas não é escravo de eschola alguma: sente-se um enthusiasta da liberdade no modo de architectar a idéa; porque, alma ardente, cheia de confiança e de vigor, como de uma geração que nasce para o progresso, é a alma de Bernardino Pinheiro, e vae diffundida toda por seu livro.

A acção passa-se no reinado do monarcha venturoso, entre os annos de 1497 e 1514. Principia n'esse grande erro administrativo e politico que expulsou de Portugal os israelitas, e finda pela esplendida embaixada que, de ordem de D. Manuel, apresentou ao chefe da christandade as primicias do Oriente. O contexto é simples e singelo, como de quem narra de proposito, para não distrahir a imaginação do pensamento fundamental.

Oiçamos.

Os israelitas que não quizessem baptisar-se eram expulsos do reino; mas seus filhos menores de quatorze annos haviam de ficar, para serem educados nas maximas do christianismo; e como recusassem muitos, se não todos, obedecer a tão barbaro edicto, fo-

ram uma noite assaltadas suas moradas, roubando-se-lhes as crianças: e entre estas foi incluida Eulalia, que apenas contava um anno. Garcia de Souza, compadecido da innocentinha e de Rachel, sua mãe, de cujos braços a viu barbaramente arrancar, tomou Eulalia sob sua protecção, criando-a e educando-a juntamente com seu neto Luiz de Souza.

Viveram assim por nove annos de bonançosa paz, menos para Rachel, que só de quando em quando via e abraçava Eulalia sem lhe poder chamar filha, em consequencia das circunstancias politicas, até que o fatal milagre que determinou a carnificina dos christãos novos em 1506 veiu estender ao lar pacifico de Garcia suas funestas consequencias. O brutal fanatismo do povo, instigado pela hypocrita e ferina eloquencia do mais depravado, inepto e estupido frade dominicano, fr. João Mocho, não poupou aquella familia, sobre quem mentiroso aleive fulminou o labéo de heretica. Luiz e Eulalia foram postos a salvamento por seu avô, em quanto se póde obstar á invasão das massas que assaltavam a casa; mas escapos da carnificina e das chammas, foram cair nas mãos de uns maritimos allemães, que os levaram a Hamburgo para fazerem d'elles presente a uns casados, a cuja ventura só faltava terem filhos. Eulalia e Luiz cresceram, fizeram-se homens, e tinham-se por irmãos. Os encantos da joven attrahiram os olhares cubiçosos de seu pae adoptivo, e para evitar a deshonra, fugiram os dois irmãos de Allemanha, e regressaram a Lisboa, esperançados em encontrar seu avô. Uma vez na patria, correm ao local da sua habitação, mas o archanjo do exterminio tocára com a ponta de suas azas n'aquelle asylo de paz, e onde outr'ora um éden, o lapso de sete annos tinha posto um montão de ruinas. N'aquelles ennegrecidos restos o encarniçado fanatismo dos que mais uma vez crucificavam o cordeiro de Deus, tinha escripto, com linguas de fogo, hedionda pagina de sua historia sanguinolenta.

Garcia de Sousa e Rachel, livres por um milagre da Senhora da Escada de morrerem nas chammas como hereticos, partiram para Tunes, onde vivia o marido da judia, o qual não abjurára a religião de seus paes: mas não sem terem primeiro feito as maiores diligencias para encontrar os meninos perdidos: e estes agora faziam eguaes diligencias, para saber de seu avô. Ia-lhes n'isto um duplo interesse. Acharem seu unico protector, e poderem tranquillisar suas consciencias.

Luiz e Eulalia criam-se irmãos, e tinham medo do estranho affecto que os impellia um para o outro. No fundo da consciencia havia alguma coisa a dizer-lhes que dois irmãos não podiam amar-se com similhante amor; mas quem podia destruir os factos? Maria Rosa, outr'ora governante de Garcia de Sousa, possuia o segredo, mas temia revelal-o, porque o remorso de um crime a pungia. Foi por denuncia d'ella, beata escrupulosa, e temente a Deus, que a sanha popular investiu com a casa de seu honrado amo, arrastando-o depois á fogueira; e por isso não lhe convinha revolver o passado, para estar em paz com a consciencia.

Luiz de Sousa por intervenção de Duarte Pacheco foi apresentado a Tristão da Cunha, a quem estava commettida a embaixada com que D. Manuel enviava a Roma as primicias do Oriente. Os serviços prestados pelo pae do mancebo como bom navegador recommendavam-n'o á regia benevolencia, e apadrinhado como estava por Tristão da Cunha obteve um logar na embaixada.

O fim de Luiz de Sousa, indo para Roma, não era tanto buscar a gloria, lustre e nome, como distanciar-se de Eulalia. O amor de irmãos era pouco para elles, o amor de esposos impossivel; e por isso os jovens separaram-se, no animo de cada um se dedicar ao serviço de Deus entrando Luiz para a ordem dos cavalleiros de Rhodes e Eulalia para um convento, se no fim de um anno não tivessem descoberto alguma coisa ácerca da diversidade da sua origem.

No dia em que a embaixada partia de Lisboa, Eulalia é encontrada e reconhecida por seus paes e Garcia de Souza: e na hora em que Luiz está escrevendo de Roma a sua irmã, sobre os baldados esforços que tem feito para descobrir o que tanto deseja, e coisa alguma confirma, é Eulalia que vem acompanhada de sua familia illuminar do mais formoso raio de luz a existencia do mancebo. Eulalia não é sua irmã: vae ser sua esposa. O puro sangue do christão velho não estremece ao alliar-se com sangue do judeo; que diante da natureza todo o sangue é egual, como os homens são eguaes perante Deus.

N'esta acção tão singela vão entrelaçados grandes vultos e brilhantes episodios. Se a alma se comprime e chora de horror, quando vê passar personalisados no ascoroso vulto historico de fr. João Mocho, o exaggerado fanatismo e abatimento moral das massas n'aquelle grande seculo, alegra-se e dá graças a Deus quando vê um capellão da Senhora da Escada, vulto não menos historico, receber e dar gasalhado a um judeo, affrontar as iras populares para lhes arrancar das garras suas innocentes victimas. Contraste assombroso! Espiritos educados á luz da mesma fé, um inspira-se das immaculadas doutrinas de Christo, e conserva-se na altura d'ellas; o outro sophisma-as, torce-as, adapta-as a suas ignobeis paixões, e arrasta-as em lodaçal de sangue.

O episodio em que os dois irmãos procuram Duarte Pacheco para com sua pequena offerta lhe minorarem os amargores que lhe provinham da ingratidão de um grande rei, é tocante, accende os brios patrioticos e sente-se quanto é mal adquirida uma gloria quando se não galardoa quem nol-a alcançou. Uma nação só torna suas as glorias de seus filhos na hora em que se mostra grata para com elles. A grandeza de Duarte Pacheco está bem desenhada: pelo pouco que este heroe entra no livro, bem se vê em quão pouco elle era tido então; mas, fiel ao seu caracter, apparece nobre e util. Como nos grandes commettimentos do seu paiz, tal se apresenta nas coisas da vida intima.

Concluindo esta noticia, não devo esquecer sem menção a parte em que o auctor poz maior esmero. O idyllio dos amores de Luiz e Eulalia está singelo e cheio de sentimento, de candura e de bons principios. Um grande amor e um grande dever dão-se porfiada lucta: a razão aquecida ao suave fogo da religião preside ao combate, e vence o dever. N'isto ainda as *Sombras* e *Luz* se afastam do geral dos romances, e creio que em proveito da moralidade.

O livro é correcto na sua linguagem, como o estilo é facil, fluente e harmonioso; a phrase é bem contornada, ha desvelo em sua disposição, sem que degenere em affectada. Como idéa ahi fica por todo este escripto o meu juizo, que não inculco por melhor, mas que é filho de minha consciencia.

Agora uma pergunta que justifica a longa introducção d'este artigo. — Portugal estará nos paroxismos?

Admittam-me o principio que tem demonstração na historia, de que o movimento litterario de um paiz corresponde a certo grau de actividade, que não se encontra em epochas de abatimento e degeneração.

Depois respondam-me com a mão na consciencia.

A. C. da Silva Mattos.

Ha, houve, ou póde haver, n'este mundo, vida alguma tão mimosa da fortuna e tão feliz que totalmente careça de miserias? Ninguem se atreverá a dizer nem imaginar tal coisa. Logo, se não ha nem póde haver vida que careça de miserias, o que se tem dito da vida dos miseraveis, se deve entender de todas e de todos. P. Antonio Vieira.